

WàCOLETIVO

Bordado, costura e crochê como arte contemporânea no espaço público

Cariri, Ceará

| Brasil |

A palavra “Wà” significa “caminhar” na língua indígena Kariri (povo que habitou e

deu nome à nossa região). Foi este o nome que escolhemos para nos representar. Somos um coletivo de mulheres diversas, mas que caminhamos juntas. Juntas criamos, juntas nos expressamos, juntas ressignificamos e levamos a prática das técnicas artesanais do espaço doméstico e íntimo para as ruas, ampliando as possibilidades de se fazer arte urbana em um universo protagonizado pelas tintas e pelo masculino.

As técnicas artesanais como o bordado, a costura, o crochê, entre outras são tradicionalmente reconhecidas como práticas femininas, e durante muito tempo sequer foram consideradas expressões artísticas. Como tudo o que as mulheres faziam, era jogado e subestimado à margem da sociedade patriarcal. Propomos outros rumos para tais técnicas na contemporaneidade, que sejam insubmissas e transgressoras, que se misturem ao discurso engajado politicamente e sejam compreendidas como arte contemporânea no espaço público, em grades, em muros, em prédios abandonados, dividindo espaço com outras expressões como grafites e pichações.

Nessa perspectiva seguimos marcando nosso lugar no mundo, nos espalhando, caminhando até o momento pelo Cariri, pelo Brasil e por Portugal. Comunicando de onde viemos e

também tratando de temas universais como o feminismo, a paz, o amor. Buscamos também estabelecer outras conexões criativas em diálogos externos, exercitando outras formas de coletividades, como as oficinas que ministramos, que se configuram como experiências que vão além do ensino-aprendizagem. O processo interno da vivência é tão importante e significativo quanto o resultado das intervenções que afetará as pessoas nas ruas. A oficina é nosso “lugar” de nascimento e reviver essa prática proporciona a formação de novos coletivos artísticos, mesmo que temporários, nos alimenta criativamente e nos fortalece com a criação de novos laços.





Algo que desde o princípio nos unira fora o desejo de falar de nós mesmas e do nosso lugar; os desenhos criados para os bordados nessa primeira oficina davam esse indicativo e, à sua maneira, representam diferentes tipos de resistência no território. A ave conhecida popularmente como Soldadinho-do-Araripe, é uma espécie endêmica que se tornou forte símbolo da preservação do meio ambiente em nossa região. O bordado com seu desenho foi fixado em uma casa abandonada num cruzamento de intenso movimento bem no centro da cidade do Crato, Ceará. A imagem reflete o descaso com a espécie de tamanha importância para a natureza e para o bem-estar da própria população local.

A **Índia Kariri**, que hoje abençoa e protege a entrada da casa do nosso grande artista Abidoral Jamacaru, nos faz lembrar do massacre indígena ocorrido durante a Confederação dos Kariris, entre 1683 e 1713, e também da destruição dos vestígios de vida e cultura material desse povo que originalmente habitou a nossa terra e hoje dá nome à região. Essa mulher Kariri representa a resistência à violência, à escravidão, à tomada de terras e ao apagamento de crenças e tradições.

Mateu é um personagem brincante do nosso Reisado - uma das maiores e mais vivas manifestações culturais da fusão de etnias durante o doloroso processo de colonização na região. Esse folguedo popular é apresentado através da dança, do canto e da representação dramática, mantendo viva relação com a festa popular dos Santos Reis. No Cariri, a presença do negro na cultura da cana-de-açúcar faz o Reisado aparecer como Reis de Congo, já fundidos com elementos indígenas. A cultura dita tradicionalmente “popular” tem raízes profundas, demonstra resistência e teimosia quando ao se manifestar, nos remete à nossa ancestralidade. No desenho da obra bordada, a imagem do duplo *Mateu* ainda traz

associada consigo a questão contemporânea da mobilidade nos centros urbanos, reforçando a importância do uso da bicicleta como transporte.









Outro formato de partilha, conexão e diálogo é a parceria realizada com outras artistas. Em Portugal, na série *Wà Coração*, cada artista convidada colabora a partir de sua linguagem plástica. A ideia é que cada colaborador crie uma representação do universo feminino e do mundo plural das mulheres no suporte bidimensional do desenho. Cada proposta é trabalhada para ser executada em papel destinado ao lambe-lambe. O trabalho/desenho da artista é somado ao trabalho do Coletivo, que cria e borda o coração para ser afixado/cravado no peito de cada personagem. Com esse gesto/soma as imagens de mulheres múltiplas e diversas se misturam e se completam, na busca de representar a nossa

realidade.

A primeira obra da série foi realizada em Coimbra com o artista Marcelo Forte; a segunda, em Braga, com a artista Diana Medina e a terceira, foi realizada em Guimarães, com a artistas Aglaíze Damasceno. São experiências que ampliam nosso olhar, que com ele afetamos o outro e por ele somos afetadas. Esse trabalho colaborativo se configura como um fazer artístico marcado por novas conexões espaço-tempo, interatividades de múltiplos domínios e fusão de linguagens e estéticas.

Na nossa obra mais recente realizamos uma homenagem a Crislaine Guedes, jovem de 21 anos, brincante contramestre do *Reisado Estrela Guia*, mulher transexual, pobre, periférica, sem ensino fundamental completo. Crislaine foi brutalmente assassinada no dia 1º de abril de 2019. A intervenção propôs gravar na memória a lembrança de suas cores, beleza e alegria. Trabalhamos com bordados, macramê, pintura e colagens sobre foto de autoria de Alana Moraes. A arte/homenagem foi fixada no bairro João Cabral, em Juazeiro do Norte, Ceará, cidade onde Crislaine vivia e ativamente participava de movimentos culturais e religiosos. Esta é a nossa maneira de não silenciar tamanha violência contra pessoas trans.

Nossas obras são pautadas pelo tempo lento, próprio do labor artesanal. Mas também pela transitoriedade e efemeridade. Expostas no espaço público, sem qualquer tipo de vigilância ou fiscalização, estão sujeitas a interação do outro. O que normalmente acontece em mais ou menos tempo. Um eterno exercício de desapego que agora também percebemos como co-criação. O que isso nos diz? Que buscamos transversalmente, desempenhar uma função social e “deselitizar” a produção artística, abrindo-a à criação e experimentação coletiva prática e promovendo debates capazes de reaproximar o sujeito e o mundo. Acreditamos na arte para todos, com todos e por todos.

Um grande bem-haja!